

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **BIBLIOGRAFIA. KLAUS BRISCH - DIE FENSTERGITTER UND VERWANDTE ORNAMENTE DER HAUPTMOSCHEE VON CORDOBA.**

CARDOSO, Mário

Ano: 1967 | Número: 77

---

### **Como citar este documento:**

CARDOSO, Mário, Bibliografia. Klaus Brisch - Die Fenstergitter und verwandte Ornamente der Hauptmoschee von Cordoba. *Revista de Guimarães*, 77 (1-2) Jan.-Jun. 1967, p. 231-235.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

lente descrição, embora esquemática, do processo evolutivo do urbanismo nos mais famosos centros populacionais da Antiguidade. Todos os capítulos são seguidos da mais actualizada e principal bibliografia, facilitando assim ao leitor o recurso a um pormenorizado conhecimento dos assuntos ali tratados sumariamente. A obra é acompanhada da indispensável documentação gráfica, constituída por numerosas estampas fora do texto, plantas topográficas das cidades citadas, duas cartas geográficas com a localização dessas cidades, desenhos de aspectos urbanos, alguns dos quais da autoria de Garcia y Bellido, que é também um excelente desenhador. Um índice onomástico completa este belo trabalho.

Livros de estudo como este, tão proveitosos, deveriam ser aconselhados pelos nossos professores universitários aos seus alunos das Cadeiras de Arqueologia e de História da Arte, já que, infelizmente, em Portugal, nos faltam manuais didácticos como este, de meridiana clareza e de tão manifesta utilidade.

---

**KLAUS BRISCH**, *Die Fenstergitter und verwandte Ornamente der Hauptmoschee von Córdoba*, Madrid 1966, 56 págs. de 22×31 cm, 13 gravuras intercaladas no texto e 77 estampas fora dele.

Em luxuosa apresentação e impecável impressão da Casa Walter de Gruyter & Co, de Berlim, e editado pela Secção madrilena do Instituto Arqueológico Alemão, foi publicado no ano findo o Vol. 4 da série «*Madridrer Forschungen*» consagrado a um valioso trabalho do Arqueólogo Klaus Brisch, por ele dedicado ao erudito especialista da arte islâmica, Prof. Dr. Ernst Kühnel, acerca da ornamentação das gelosias e outros gradeamentos artísticos semelhantes, existentes na grande Mesquita de Córdoba.

Depois da de Meca, é, como sabemos, a Mesquita de Córdoba a maior e mais imponente do mundo árabe. Conquistada Córdoba pelos Mussulmanos em 711, só no ano de 780, no tempo de Abderramão I, a Mesquita primitiva começou a ser construída, no lugar onde anteriormente existia a igreja visigótica cristã consagrada a S. Vicente, ficando concluída no decénio a seguir. Ao longo de quase dois séculos, foi sucessivamente enri-

quecida com ampliações, realizadas em meados do séc. IX por Abderramão II, na segunda metade do século X por Al-Acão II, e, finalmente, por Almançor, já no final desse século, o qual pela mesma época mandara também construir o grandioso palácio de Medina Azzahra, nos arredores de Córdova.

De uma extraordinária riqueza arquitectónica, a Mesquita, contendo uma série de 19 naves longitudinais e 36 transversais, mais estreitas, definidas por uma imensidade de colunas com fustes de mármore preciosos ou de granito, e capiteis de mármore, muitos deles aproveitados de anteriores construções romanas e páleo-cristãs, que sustentam deslumbrante arcaria policroma cujas aduelas são alternadamente de pedra e tijolo, produzindo maravilhoso efeito; com seu belo *Mihrab*, santuário situado ao fundo da 6.<sup>a</sup> nave longitudinal a contar da direita, que era a nave central da construção primitiva, espécie de abside de forma octogonal onde outrora se expunha um precioso exemplar do Corão — sofreu após a Reconquista, quando convertida em catedral cristã, deploráveis mutilações e modificações, apesar de muitos dos novos elementos que então lhe foram introduzidos possuírem também apreciável beleza arquitectónica e decorativa. Contudo, o formoso monumento islâmico perdeu muito do seu carácter primitivo com a inclusão desses elementos estranhos, alterações e adições em épocas sucessivas, de carácter mudejar, gótico, renascentista e barroco. A actual torre, por exemplo, acabada já em meados do século XVII, veio substituir lamentavelmente o antigo Almenar árabe da Mesquita.

Mas, apesar dessa profusão de elementos de várias épocas dificultar naturalmente o actual estudo de muitos pormenores do primitivo templo islâmico, conseguiu o Sr. Klaus Brisch discernir pacientemente o que no monumento resta dos mais antigos padrões decorativos, fixando as suas origens no oriente sírio, em relações de contemporaneidade histórica com o Ocidente, embora revelando também uma certa afinidade com a tradição pré-islâmica da Espanha. É certo que uma boa parte da construção mais antiga foi respeitada pelos construtores islâmicos, que primavam em não demolir o que restava dos velhos edificios, e também poupada pela, admiração que, apesar de tudo, no próprio tempo cristão

se manteve sempre pela grandiosidade e riqueza arquitetónica da Mesquita.

Este livro pode pois considerar-se uma notável obra de investigação arqueológico-histórica e simultaneamente um trabalho de análise e crítica estética da arte decorativa hispano-islâmica.

Não é um trabalho muito extenso, mas, nas 56 páginas do texto, o Autor condensou, num estudo exaustivo e completo, o tema que se propôs tratar, acerca das decorações das gelosias, ou janelas de rótula, características da arquitectura mussulmana, que permitem o arejamento e a luz coada no interior das habitações, sem que este seja devassado pela indiscreta curiosidade dos transeuntes. As gelosias, também entre nós vulgarmente chamadas «persianas», que permitem ver do interior das habitações para o exterior e não o contrário, continuaram em uso na arquitectura românica e na da Renascença e chegaram, inclusivamente aos nossos dias, na aplicação às janelas dos actuais prédios, de estores e gradeamentos de madeira. Simplesmente as rótulas da Mesquita de Córdoba, magníficos espécimes da arte islâmica, são de mármore recortado de belíssimos entrelaçados, cujo estudo completo estava ainda por fazer, limitado apenas a breves referências bibliográficas, e que o Sr. Klaus Brisch tornou agora melhor conhecidas neste seu livro, com abundantes pormenores resultantes de uma observação minuciosa da diversidade dos temas morfológicos desses ornatos, suas origens, suas variantes, épocas em que foram trabalhados, influências que sofreram de outras manifestações da arte islâmica oriental, comparação com espécimes museológicos do Museu da Mesquita, dos Museus arqueológicos de Córdoba, Cairo e Damasco, dos restos do palácio de Medina Azzahra, etc.

A esta esplêndida obra de investigação histórica e artística consagrou o seu autor devotado carinho, em longo tempo de estudos, durante a sua permanência de dois anos em Espanha, como bolsheiro da «Deutsche Forschungsgemeinschaft» e com o auxílio do Instituto Arqueológico Alemão de Madrid, por intermédio dos ilustres directores desse operoso Instituto, Senhores Prof. Schlunk e Dr. Grünhagen. No prefácio deste livro manifesta o Sr. Brisch também o seu reconhecimento a quantos

lhe prestaram colaboração e deram facilidades de estudo, especialmente ao Arquitecto Hernández Giménez, director dos Monumentos Nacionais espanhóis da 6.<sup>a</sup> Zona, ao Corpo eclesiástico do Cabido da famosa Catedral, à Directora do Museu de Córdoba, Dona Ana Maria Vicent, a Samuel Genner, ao Director da «Casa de Velázquez» e a outras entidades.

Dividiu o Sr. Klaus Brisch o seu trabalho em três capítulos, no primeiro dos quais descreve as rótulas existentes nas três fachadas sul, este e oeste da Mesquita, sua distribuição, variedades dos desenhos, que são verdadeiros rendilhados de mármore concebidos à base de quadricula, e formando aros secantes, meandros, estrelas de oito pontas, rosetas dentro de círculos, faixas de losangos, quadrados, etc., na mais extraordinária profusão, riqueza e variedade de temas decorativos. Faz neste capítulo a história desses ornatos das gelosias das fachadas e da sua construção durante as épocas de Abderramão II, de Al-Acão II e de Almançor.

No capítulo II estuda os ornatos e gradeados existentes na série de arcos transversos situados na frente da *Kibla*, sala ou vestibulo do Mihrab, e descreve os tipos desses arcos.

No capítulo III analisa as gelosias das cúpulas existentes na parte respeitante à ampliação da Mesquita por Al-Acão II, três das quais junto de Mihrab e outra à entrada desta sumptuosa ampliação, no seu extremo do lado norte, no lugar onde estava situado o antigo Mihrab, hoje ocupado pela capela chamada de Villaviciosa. Cada uma das três primeiras cúpulas é iluminada por oito janelas gradeadas. Klaus Brisch faz o discernimento dos gradeados islâmicos dessas janelas, alguns com motivos florais, predominando contudo os modelos de estilo geométrico. Parte desses gradeados encontram-se ainda *in situ*, outros deslocados do primitivo lugar, outros ainda já de moderna execução. Por fim estuda os gradeamentos situados na Capela de Villaviciosa e no Mihrab.

Fecha o autor o seu magnífico Volume com algumas considerações, em breve resumo, dos resultados e conclusões a que chegou, após o minucioso estudo que levou a cabo das belas gelosias da Mesquita. Apesar de ser extensa a bibliografia geral existente sobre este extraor-

dinário monumento, um dos mais grandiosos de que a Espanha pode orgulhar-se, o estudo em pormenor, que ainda estava por fazer, limitado a esta parte da ornamentação, contida nas gelosias, e que o Sr. Klaus Brisch realizou com superior competência, constitui um excelente contributo para um mais perfeito conhecimento histórico e artístico da sumptuosa arte hispano-islâmica.

---

**MARTIN ALMAGRO**, *Las estelas decoradas del Suroeste peninsular*, Vol. VIII da «Biblioteca Praehistorica Hispana», Madrid 1966, 215 págs. de 22×31,5 cm, 81 gravuras intercaladas no texto e 50 estampas fora dele.

O volume VIII, há pouco publicado, da «Biblioteca Praehistorica Hispana», magnífica série de monografias editadas sob a orientação do Prof. Dr. Martin Almagro Basch, director do Instituto Espanhol de Pré-história do Conselho Superior de Investigações Científicas, e catedrático de Pré-história da Universidade de Madrid, foi consagrado a um exaustivo estudo realizado pelo mesmo Professor acerca das estelas sepulcrais pré-históricas, com ornamentação simbólica, que ao longo de várias décadas têm sido descobertas em regiões do Sudoeste da Península Ibérica.

Quase todas estas estelas foram já publicadas, embora nem todas acompanhadas de estudo tão minucioso e completo como o que o Prof. Almagro agora nos deu, mas tornadas conhecidas, ao menos, em sumária descrição. Muitas delas não são portanto inéditas, tendo a primeira, procedente de Solana de Cabañas (Cáceres), e que é uma das mais interessantes, sido descoberta e publicada há cerca de 70 anos, no *Boletín de la Real Academia de la História*, por Mário de Luna. Mas, o actual volume do ilustre catedrático da Universidade de Madrid, agora vindo a lume, tem o indiscutível mérito de apresentar toda a série de estelas deste tipo até hoje aparecidas, cujo inventário completo tornou possível o estudo pormenorizado e comparativo que das mesmas oferece ao leitor, bem como as conclusões que desse estudo de conjunto conseguiu tirar.

Trata-se de um curioso agrupamento de pedras tumulares, algumas das quais desempenhariam a função